

Trinta anos de Conselho Cultural da Universidade do Minho. Um apontamento sobre o Museu Nogueira da Silva

Maria Helena Trindade

CONTADOR

*As gavetas guardam sedas vermelhas e amarelo de açafão
e nos gavetões maiores o que cantaram, o que desejaram:
ouro, marfim, véus, prata
sêcas folhas de chá, grãos de pimenta
amarelecidas cartas que falam do ocaso do sol visto da
fortaleza de Pangim.*

... Contador

*passaste pelas salas de um palácio, de alguma sacristia
ainda podes sentir aquilo que viste – abro uma gaveta,
e pela Índia que foi tua canção
desliza, manso e cuidado, desde uma gaveta cimeira do teu corpo
contador
monção que levanta nuvens, um cheiro a sândalo e a poeira
ténue da palha do arroz.*

João Miguel Fernandes Jorge

Museu das Janelas Verdes, Lisboa, Relógio D'Água (2002)

Foi também há trinta e mais alguns anos que iniciei o meu percurso profissional no Museu Nogueira da Silva – cresci com ele... Com Luís Mateus e Francisco Botelho, dei os primeiros passos no conhecimento desta casa, dos seus cantos e dos seus objetos, que cataloguei, marquei e fotografei.

Nesses anos oitenta, a criação do museu foi uma lufada de ar fresco que atingiu a cidade. As exposições temporárias, nas antigas garagens da casa Nogueira da Silva, transformadas em galeria, trouxeram a Braga artistas, cujas obras só podiam ser vistas no Porto ou em Lisboa. Criou-se a Fototeca, um dos espaços pioneiros no País para recolha e conservação da memória fotográfica. Concertos de Jazz, sessões fotográficas, tertúlias ao som do alaúde, ao sabor de tostas com manteiga e do aroma do chá, marcaram as noites de muitas pessoas nesta casa.

E prosseguimos, crescendo juntos, contactando diferentes interpretações do mundo dos artistas que por cá passaram e passam, errando e corrigindo, ouvindo as lições dos entendidos e as opiniões dos visitantes.

E continuamos a aprender com as ideias possíveis de Museu com que os diferentes diretores marcaram a sua presença, desde Luís Mateus (1977-1986) a, atualmente, Miguel Duarte (2015...), passando por Nuno Barreto (1986-1988), César Valença (1988-2002), Carolina Leite (2002-2006) e Carlos Corais (2007-2015). A riqueza da diversidade de ideias, de gostos, de interesses, das formas de ser e de dirigir, pautada por um consistente conhecimento e respeito pela cultura e principalmente pelas pessoas, colocaram o Museu no panorama dos museus nacionais, integrando a Rede Portuguesa de Museus, a partir de 2004.

E as lufadas de ar fresco sucederam-se, mais ou menos fortes, mais ou menos polémicas, mais ou menos marcantes na vida cultural da cidade, com uma programação intensa e contínua de exposições de artes plásticas, artes decorativas ou temáticas associadas; com a reformulação da exposição permanente, o estudo das coleções por César Valença e a fundamental criação de conteúdos para oferecer ao visitante; com a tomada de consciência da enorme qualidade do espólio, levando alguns objetos a importantes exposições em Lisboa, Bruxelas e Washington; com palestras, colóquios e cursos livres que completam e aprofundam o conhecimento do público sobre as questões artísticas e do património; com momentos de fruição musical em concertos de jazz, música clássica, e outros estilos, intensificados a partir da oferta anónima de um piano para o salão nobre.

A criação (1992/93) e construção do Serviço Educativo foram preciosos motores

de amadurecimento, mais uma etapa fundamental para a qualidade e reforço da relação com o público. Pensar formas de dar a conhecer as coleções, os objetos e os seus contextos às crianças e aos jovens, tem sido um desafio enriquecedor. Milhares de alunos têm passado pelo museu em atividades que lhes são dirigidas de uma forma lúdica e criativa, em pequenas viagens ao passado.

Seria redutor e maçador, neste pequeno espaço, enumerar todos os factos importantes na história deste museu, só possível num longo relatório, mas, sem desprestigiar todo o trabalho desenvolvido, não posso deixar de sublinhar a abertura da galeria de exposições temporárias; a criação da Fototeca; a peritagem dos objetos e a elaboração dos conteúdos; a criação do serviço educativo, ou eventos como: a exposição “Figurativo ou Abstracto” (1984) com a colaboração de Nuno Barreto com nomes de referência na arte do Portugal dessa época; o colóquio internacional sobre o Barroco “Struggle for Synthesis” (1996), a exposição “Convergências” (2003-2004), com obras da coleção da Fundação Luso-Americana, onde a arte contemporânea conviveu serenamente com as coleções do museu e, mais recentemente, a abertura do espaço dedicado à escritora Maria Ondina Braga (2012) após o depósito do espólio documental e de objetos da escritora, pela família.

E porque nunca estivemos sós, não podia deixar de dar um rosto e um nome aos elementos que, ao longo do tempo, ajudaram a construir o Museu: Maria Irene Carneiro; Maria Isabel Garcia; Maria de Fátima Santos; Maria Emília Marques da Silva; Afonso da Costa Ferreira; José António Ferreira; Adérito Campos; José Moreira; Francisco Botelho; António Carvalho; Sandra Vila Maior; Paula Góis Simões; Emídio Pereira; Laurentino Rego; António Ferreira; Maria Emília Ferreira; Alice Marquês Soares; António Pinheiro Braga; Carlos Alberto Pires; Norberto Paulo Quintino. Enumeradas por ordem de entrada ao serviço no museu, algumas destas pessoas estão aposentadas e outras já não se encontram entre nós, sendo a equipa, neste momento, formada por dez elementos.

E outras lufadas de ar fresco se seguirão, outros velhos sonhos para concretizar, como a cafetaria no jardim do Museu, e outras exigências se imporão a quem é guardião da cultura de todos – a conservação das coleções e dos espaços que o tempo insiste em desgastar.

Esta Unidade, com o apoio do Conselho Cultural e da Reitoria da Universidade do Minho, tem construído aos poucos a sua imagem, a sua identidade, movida por sonhos, alguns já antigos, que teimosamente se vão construindo com a dedicação de uma pequena equipa que dá o seu melhor e se orgulha de o fazer.

Um traço que fica para futuro.

Setembro, 2016.



Equipa do Museu Nogueira da Silva.